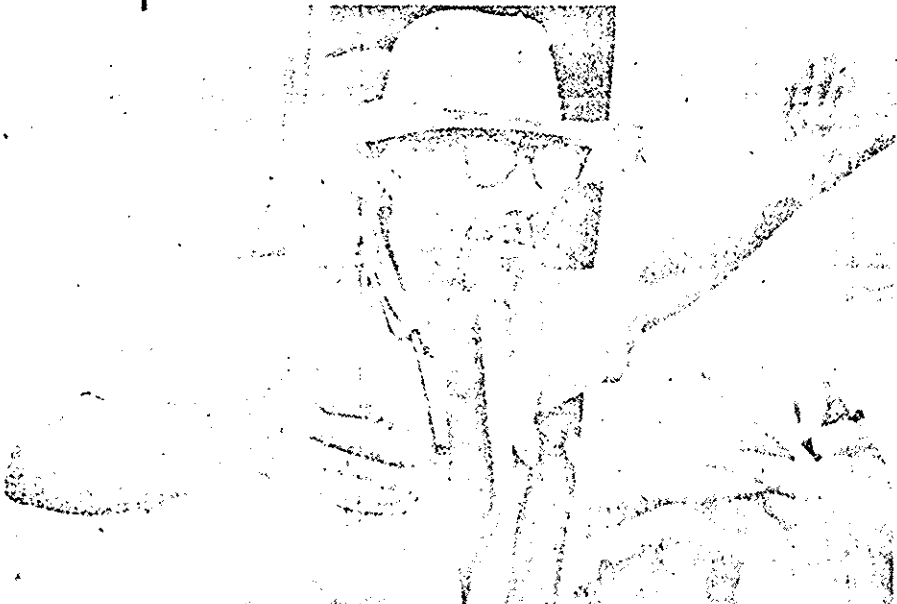


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Alagoas Class.: 10
Data: 18/10/81 Pg.: A-6



O cacique Adalberto falando das dificuldades

Na localidade de Olho d'Água do Meio no Município de Feira Grande — a 197 Km de Maceió, — vive uma comunidade que se diz remanescente da Tribo dos Tingui-Botó e luta para que seja reconhecida a sua identidade indígena. Segundo o cacique Adalberto

Ferreira da Silva, 42 anos, pai de três filhos conhecido pelo nome indígena de "Botó" essa luta teve início pela invasão dos brancos nas terras que lhe pertenciam, estando resumidas em apenas 2 hectares para manter toda a sua população índia

Botó" explicando as dificuldades de sobrevivência disse que são tão grandes que dos 500 elementos que compõem a sua tribo, restam apenas 100, entre homens, mulheres e crianças. Disse ele, que sete famílias da tribo "Tingui-Botó" foram embora por falta de terra, indo trabalhar na cidade paulista de Cubatão, outras famílias seguiram destinos diferentes indo para cidades vizinhas a Feira Grande, como: São Brás e o distrito de Olho D'Água do Taninim, de Feira. Entretanto, elas lá permanecem lutando para um reconhecimento dos homens da Funai pelos seus direitos, assegurados pela Constituição Brasileira.

Índios alagoanos protestam em Brasília e denunciam a Funai

Relatam que no desenrolar desta luta já se deslocaram no ano passado a Recife, onde estiveram na Delegacia Regional da Funai onde foram apelar para que a Funai enviasse a aldeia seus representantes no sentido de comprar as suas identidades como descendentes dos russos primeiros habitantes. O cacique da tribo Tingui-Botó, Adalberto Ferreira e seu irmão por "Acanã-Botó" sentindo a dificuldade encontrada na Funai em Recife, resolveram apelar para a sede em Brasília.



A VIAGEM

Com a descrença dos dirigentes da Funai em Recife, o Cacique da tribo Tingui-Botó juntamente com o seu irmão e mais três representantes da sua comunidade resolveu dirigir-se até Brasília para tentar sensibilizar a alta cúpula da Funai.

Para fazer essa viagem, conta o cacique Botó que a comunidade em que vive, reuniu-se e cada um colaborou com o que tinha para financiar a viagem. No entanto, os recursos foram tão escassos que só deu para chegar em Salvador, onde contou com a ajuda do Arquiocese de Salvador que forneceu passagens até a Capital Federal.

Ele disse, que a viagem de ida durou cerca de 4 dias, sendo que a alimentação do grupo foi feita na base de: 2 quilos de carne de charque, 10 quilos de farinha e 1 quilo de queijo, enquanto que para retornar a comunidade, a Funai forneceu passagem de ônibus e deu para cada um, um mil cruzeiros.

Apesar das informações da Delegacia Regional da Funai no Recife, comunicarem que os Tingui-Botó preenchem os requisitos necessários para serem caracterizados como comunidade indígena, a situação encontrada pelo Pajé Acanã-Botó foi se apresentarem em Brasília com o vestuário típico da comunidade índia.

O cacique Botó considerou ridiculou a utilização, desse artifício, para que eles fossem reconhecidos como índio e pudessem falar na Funai em Brasília. Disse ele, que saíram de Feira Grande até Brasília vestido de índio e as vezes prontos até rirem nas pessoas que por eles passaram. No entanto, disse o cacique Botó o nosso desespero é tanto, que tivemos que fazer qualquer negócio, pois lutamos para esse reconhecimento desde setembro do ano passado e como resposta que tivemos em Brasília dos homens da Funai é que no final deste mês, estarão em Olho d'Água do Meio a fim de constatar que não estamos dizendo mentiras e o que queremos é apenas o que é nosso, pois os homens brancos estão tomando tudo.

Disse ainda o cacique, que o antropólogo Clóvis Antunes, da Universidade Federal de Alagoas preparou um relatório no dia 25 de

setembro de 1980, quando mostrou aos homens da Funai todos os detalhes sobre a nossa comunidade. Para o antropólogo Clóvis Antunes, os Tinguis Botó de Olho d'Água do Meio em Feira Grande preservaram parcialmente seu idioma e se apegaram zelosamente aos seus rituais. Entretanto, disse o Pajé Acanã-Botó "o estranho disso tudo, é que a Funai não quer reconhecer isso, principalmente, um documento enviado pela Universidade Federal de Alagoas".

Enquanto isso, disse o Pajé Acanã-Botó "estamos passando as maiores dificuldades, pois o que estamos querendo é russas terras para trabalhar". Ele mesmo é um exemplo, para manter sua família tem que ir trabalhar na cidade de Arapiraca à 60 km de sua comunidade — em Olho D'Água do Meio em Feira Grande, — utilizando-se de todos os meios de transporte para lá chegar, inclusive andando a pé.

Texto: Bernardino Souto Maior
Fotos cedidas por Adailson Calheiros

construindo agora, um posto médico.

Na opinião do cacique dos Tingui-Botó "vivemos aqui em uma condição quase primitiva, dedicando-se a pesca como meio de alimentação e para complementar desenvolve-se uma agricultura bastante rudimentar, baseada numa agricultura de subsistência das já utilizadas pelos agricultores vizinhos. A exemplo disso, referiu-se o cacique, que "o nosso solo nunca recebeu nenhum tratamento de beneficiamento do adubo "ou outras técnicas".

Alegou ainda, o cacique Tingui-Botó que não recebe nenhuma ajuda por parte das comu-

cam distantes a mais de 100 quilômetros.

Denunciou o cacique que a perseguição dos brancos a eles chega a ser tão violenta que nem mesmo as crianças ultrapassam aos dois hectares deles. Segundo ele, da aldeia para o local onde desenvolve os seus rituais vão a pé numa distância de 3 quilômetros.

encontrarem nessas condições de vida. "Continuam tirando tudo que podem da nossa gente, disse o cacique Tingui-Botó, acrescentando que, "até o padre Demerval que rezava missa e batizava nossos filhos deixou de fazer, em virtude da colocação de uma estátua do Padre Cícero Romão Batista pelo prefeito de Feira Grande, José Verediano, alagoano".

Denunciou o cacique que a perseguição dos brancos a eles chega a ser tão violenta que nem mesmo as crianças ultrapassam aos dois hectares deles. Segundo ele, da aldeia para o local onde desenvolve os seus rituais vão a pé numa distância de 3 quilômetros.

encounter nessas condições de vida. "Continuam tirando tudo que podem da nossa gente, disse o cacique Tingui-Botó, acrescentando que, "até o padre Demerval que rezava missa e batizava nossos filhos deixou de fazer, em virtude da colocação de uma estátua do Padre Cícero Romão Batista pelo prefeito de Feira Grande, José Verediano, alegando que só voltará no dia em que a mesma foi retirada de frente da igreja".

Disse o cacique, que esse sentimento da igreja com o representante do município teve início no dia 8 de dezembro de 1980, e nossa comunidade, encontra-se prejudicada com mais de 30 crianças sem receber o batismo, porque o padre fechou a igreja. Contou ainda, "se quiser batizar uma criança ou mesmo casar no religioso, teremos que deslocar cerca de 60 quilômetros, indo até a cidade de Arapiraca.

Sobre os gravetos o cacique comanda um grupo em busca de trabalho escasso na roça

Já o cacique Botó afirma que os índios que estão residindo na comunidade continuam em condições precárias, pois segundo ele, as condições climáticas no agreste de Alagoas há cerca de 3 anos vem sendo adversa, destruindo parcialmente a sua produção no plantio de mandioca, milho, feijão e batata doce. — "Estamos com a seca assolando nossa região, se acabando de fome", disse o cacique da tribo Tingui-Botó. Para ele, somente com o reconhecimento da Funai é que podemos ter melhores condições de vida, uma vez, que teremos aqui um Posto Indígena dando toda a assistência. No momento, disse o cacique os únicos benefícios que a comunidade desfruta é de uma escola primária construída a cerca de dois anos pelo governo estadual que está

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Alagoas Class.: 10

Data: 18/10/81 Pg.: A-6 (cont.)



O cacique com o seu líder em frente a maloca, mostrando o traje que foi a Brasília para reconhecer a sua tribo



O cacique e uma parte das mulheres dos índios que esperam o reconhecimento por parte da Funai

No entanto, afirmou o cacique, que são contrário a retirada da estátua do Padre Cícero, preferindo, se necessário renunciar ao vigário a perder a estátua. Portanto, disse o cacique Botó "até nisso os brancos n' atrapalham".

OS RITUAIS

A tribo Tingui-Botó de Obo d'Água do Meio de Feira Grande conservam todas as características indígenas dos seus antepassados. Procuram transmitir aos filhos todos os seus rituais que aprenderam com seus pais e avós na tentativa de conservar sua identidade cultural.

A exemplo disso, os índios Tingui-Botó se reúnem numa semana do mês de janeiro em seu terreno sagrado, onde passam dia e noite completamente isolados das outras comunidades. Para isso, foram construídas malocas onde ficam as crianças e as mulheres de resguardo, enquanto que os homens ficam em outras localidades isoladas.

Também, durante oito dias da semana de cada mês, os índios da tribo Tingui-Botó se reúnem para fazer o mesmo ritual, onde não é permitido a entrada de nenhum branco até mesmo aquele que se case por ventura com uma das índias o que ainda não ocorreu.

O cacique Botó antes de retornar de Brasília, deu um prazo aos dirigentes da Funai: se até o fim deste mês, não aparecer ninguém da Funai para constatar a nossa identidade, voltaremos com um maior grupo até Brasília onde iremos apelar para outras entidades.